



VISUALIDADES E PERIPÉCIAS TRANSGRESSORAS DO FOLGUEDO LA URSA EM JOÃO PESSOA-PB.

Camilo de Figueiredo Aranha. UFPE/ UFPB
Erinaldo Alves do Nascimento. UFPE/ UFPB

RESUMO: Esta pesquisa tem como objeto de estudo as visualidades e as peripécias transgressoras do folguedo La ursa, no bairro do Rangel, em João Pessoa- PB. A partir de um estudo de caso de abordagem qualitativa, do tipo etnográfico, com uma coleta de dados que inclui entrevistas, registros imagéticos e observação direta da atuação do folguedo. A investigação tem como um dos referenciais teóricos a cultura visual, propondo-se a analisar os processos de hibridização do La ursa, em decorrência da formação multicultural de seus componentes e da influência midiática da globalização.

Palavras chave: Rito carnavalesco, folguedo La Ursa, visualidades, cultura visual.

RESUMEN: *Esta investigación tiene como objeto de estudio las visualidades y las aventuras transgresora del folguedo La Ursa en el barrio de Rangel en la ciudad de João Pessoa/PB. A partir de un estudio de caso, de enfoque cualitativo etnográfico, recopilación de datos, entrevistas, observación directa de la actuación del folguedo La investigación tiene como un de los referenciais teóricos la cultura visual, se propondo a analizar los procesos de hibridación, debido a la formación de los componentes multiculturales y la influencia de la globalización, los medios de comunicación.*

Palabras clave: *Rito del carnaval, folguedo La Ursa, visualidades, cultura visual.*

O CARNAVAL BRASILEIRO E O FOLGUEDO LA URSA

Pensar o carnaval é observar o ser humano explorando seus impulsos mais íntimos, críticos e audaciosos. É lidar com ambiguidades, religiosidades, prazeres e adentrar em caminhos comuns e imprevisíveis. É se deixar guiar pelo ritmo, pela alegria, pelo êxtase, pelo corpo, por valores que não são unicamente brasileiros, mas também de uma versão cristã. São valores, tradições e possibilidades que coexistem em um tempo e espaço determinados para iniciar e terminar.

No Brasil, o carnaval é uma festa que ocorre simultaneamente durante três dias em todos os Estados da Federação. É uma das maiores comemorações da cultura nacional e que acontece todos os anos. É uma festa rica em diversidade étnica, estética, gênero musical, exuberância e entretenimento. Mobiliza milhões de

pessoas, envolvendo todos os seguimentos sociais e possibilita, durante a sua realização, um espetáculo único. Observa-se uma grande variedade de dramatização dos valores globais, críticos e abrangentes de nossa sociedade.

Durante o carnaval toda sociedade é envolvida nesse ritual de celebração nacional. A população suspende ou muda radicalmente suas atividades, dispensando os afazeres cotidianos e permanecendo orientada para o evento nessa ocasião. Esses dias de festa, considerados como feriados nacionais, estabelecem uma ordem nacional abrangente que ajuda a construir e a cristalizar uma identidade nacional.

Essa identidade e sua relação com o carnaval é refletida e reforçada pela sociedade todos os anos. Com característica própria e diversificada, a festa acontece em cada região. É divulgada e enfatizada nos meios de comunicação por meio de músicas, ritmos e visualidades. Conta com uma infraestrutura que dispõe de informação midiática sobre os roteiros do percurso dos desfiles carnavalescos, serviços de assistência dos órgãos de segurança pública e assistência médica. Além dessa difusão midiática de massa, no carnaval existe também um trabalho extraoficial que os foliões desenvolvem às vésperas do evento, divulgando-o no entorno de suas comunidades e anunciando o tempo do carnaval.

Esta festa é um acontecimento marcado pelo relacionamento entre o sagrado e o profano, morte e ressurreição, prazer e renúncia, tendo um sentido universalista e transcendente. Abrange categorias como o pecado, sexo, libido e libertinagem. É um tempo de licença e abuso, que vai além dos valores sociais definidos pelo sistema, remetendo os participantes do ritual para fora e além do contexto brasileiro.

“São acontecimentos extraordinários não previstos pelas normas ou regras sociais, construído pela e para a sociedade, marcados pela imprevisibilidade, ou seja, não controlados pela sociedade, onde toda sociedade é afetada por igual, independente de sua posição na estrutura do poder.” (DAMATTA, 1997, p.47).

O carnaval acontece nos locais públicos: nas ruas, nas praças, na orla marítima, nas avenidas e no centro da cidade. É explorado também nos espaços privados, como clubes, “quadras” e atualmente até mesmo por instituições religiosas. Durante esse tempo, a festa torna a “existência” menos desumana e

impessoal, promovendo encontros para a população. É uma festa aberta e presente em todo o país, na qual a regra é “não ter regra”. É um convite consentido para transgredir as normas do sistema social vigente durante a sua realização.

Considerado a “festa da carne”. Reúne um grupo permanente de pessoas de todas as camadas sociais, desde as mais altas até as mais baixas financeiramente, incluindo as marginalizadas socialmente. Essa constatação faz com que se reconheça o seu caráter de grupo aberto e movido por múltiplas relações sociais e princípios ordenadores e desordenadores.

Este caráter único, capaz de agrupar por alguns instantes e, em um mesmo lugar, pessoas diferentes economicamente, celebridades e anônimos, estrangeiros e nativos. É uma festividade que promove uma visualidade e teatralidade que tornam visíveis a transmutação de sujeitos a partir da vivência de uma liberdade temporária.

Assim, o carnaval reúne um pouco de tudo:

“a diversidade na uniformidade, homogeneidade na diferença, o pecado no ciclo cósmico e religioso, a aristocracia de costume na pobreza real dos atores – ele remete a vários sub-universos simbólicos da sociedade brasileira, podendo ser chamado de polissêmico (DAMATA. 1997, p.59).

O carnaval brasileiro é considerado uma celebração polissêmica porque provoca uma “desconstrução do social” à medida que seus personagens “não estão relacionados entre si por meio de um eixo hierárquico, mas por simpatia e por um entendimento vindo da trégua que suspende as regras sociais do mundo da plausibilidade: o universo do cotidiano” (DAMATA, 1997, p. 63). Dessa forma, este autor põe em evidência o mundo da periferia, do passado, do presente, que faz fronteira com a sociedade, produzindo o ilícito e algo provisoriamente fora do sistema.

Nesse ponto, as fantasias dos foliões exercem grande importância, passando a representar um desejo oculto, uma “armadura”, um “personagem” que pode sintetizar e explicitar o papel do fantasiado. Em algumas vezes, representa-se o que não se gostaria de desempenhar, construindo uma visão conflituosa entre o que se deseja e o que é imposto pelos outros.

O carnaval faz com que campos antagônicos e contraditórios convivam no mesmo espaço social de encontros, de mediação e de polissemia. Assim, os costumes carnavalescos fazem parte de um campo social aberto e situado fora da hierarquia, em que há espaço para uma diversidade de valores, categorias e grupos.

Nos ritos carnavalescos, encontrados em todos os Estado do Brasil, o elemento mediador entre as classes sociais é a alegria, a festa, o canto, a liberdade de expressão, a capacidade de brincar, de se fantasiar, de dançar, de se expor, não só o poder e a riqueza.

Durante os festejos carnavalescos, é comum encontrar em locais públicos e privados uma grande diversificação cultural presente nessas comemorações. Cada Estado e cidade possui um referencial cultural próprio em termos de música, tradições e costumes específicos, sobressaindo e evidenciando as suas expressões regionais. Dessa forma,

“as festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da sociedade e do homem. A morte e a ressurreição, a alternância e renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa. São precisamente, esses momentos nas formas concretas das diferentes festas que criaram o clima típico da festa (BAKHTIN, 2002, p. 8)”.

No caso da Região Nordeste, a ênfase reside mais nos desfiles das orquestras de frevo, nos trios elétricos, nas “tribos indígenas”, nos maracatus, nos caboclinhos, nas brincadeiras de mela-mela, e batucadas também conhecidos como “blocos de sujo”. Nas batucadas, crianças, jovens e adultos saem conduzidos, brincando a partir de um som tocado, seja eletrônico ou ao vivo.

No carnaval do nordeste encontramos as tradicionais marchinhas carnavalescas e os desfiles das escolas de samba. Essa variedade rítmica e visual que o evento possui tem um imenso poder de sedução, atraindo pessoas de vários Estados do Brasil, bem como de outros países.

A impessoalidade do carnaval brasileiro transita entre o consentido e o contraditório. Essas mudanças de posturas servem para burlar as regras do sistema, produzindo inversão de papéis, seja no gênero, na sexualidade, na riqueza de

adereços dos personagens e nas alegorias, ou reinventando para a sociedade outras leituras de fatos do dia a dia, relevantes ou não, que ao transitar no contexto desse rito festivo, promove uma “desconstrução do social” no cotidiano.

A rica plasticidade de seus personagens, exposta na forma de bonecos gigantes, máscaras e fantasias enfocam temas ligados às personalidades famosas, a fatos políticos relevantes difundidos pela mídia no contexto nacional e internacional. O carnaval enfatiza também a sensualidade, a irreverência, a sexualidade, associada com a impessoalidade, como é o caso dos papangus e do folguedo La ursa.

O folguedo la ursa como desconstrução do social

Mas o que é o folguedo La Ursa? Pode-se dizer que é um espetáculo performático mambembe ou volante, no qual um grupo de pessoas se junta, formando um bloco de arrasto e saem às ruas todos os anos, às vésperas e durante os festejos carnavalescos. Representado pela figura de um urso “indomável” e brincalhão, estes grupos são acompanhados por uma batucada, tocando instrumentos improvisados. Embalados por um ritmo pulsante, desfilam pelas ruas, nas calçadas de casas, nos cruzamentos com semáforos, praças, avenidas e em todo o espaço disponível, público ou privado. Buscam encontrar pessoas com as quais possam oferecer diversão, em busca de alguns “trocados”.

O produto que o La Ursa vende é o entretenimento. Usam a dança, as brincadeiras, tirando proveito para zombar, tripudiar, alegrar, provocar, meter medo, extraindo qualquer tipo de reação das pessoas encontradas pelo caminho, provocando-as para se divertir.

Um acessório característico desse personagem é uma cuia ou outro objeto que permita brincar sem derrubar as moedas, que é carregado em uma das mãos. Serve para pedir e receber dinheiro “doado” ou “apurado” dos transeuntes, que encontra e aborda em seu trajeto, instigando-os a colaborar com a brincadeira “La ursa quer dinheiro, quem não der é piranguero”



Fonte: Mano de carvalho- La ursa –centro de João Pessoa-PB/ 2013

No La Ursa, a intervenção performática é executada geralmente pelo urso, mas pode também se estender ao grupo que o acompanha. Utilizam para isso seus corpos e os instrumentos para desenvolver alguma coreografia, que pode ser com movimentos estilizados e sincronizados ou não. Produzem, em geral, efeitos estéticos interessantes e criativos, que enfatiza, ainda mais, os movimentos do urso. O figurino usado pelo urso atraí e desperta a atenção e curiosidade por onde passa. Isso proporciona uma interação de entretenimento com o público presente, por meio de brincadeiras e gestos, ora agressivos, ora meigos, realizados em sincronia com dança e manobras rítmicas ao som da batucada.

Na construção deste folguedo, geralmente, não se dispõe de recursos econômicos. É construído intuitivamente por pessoas moradoras de periferia populosas com baixo poder aquisitivo e uma instrução diferente da formal. Realizam este trabalho de maneira improvisada. O folguedo La Ursa, geralmente, ocupa ruas, praças e as calçadas como seus locais de encontro, onde se reúnem e começam a definir improvisadamente e gradativamente a montagem do espetáculo.

Neste caso, temos a rua, as calçadas e as praças exercendo o papel do escritório, do teatro, da oficina, atuando como espaço de integração de pessoas ao ambiente de trabalho, e a um só tempo de pesquisa, de reunião. Neste caso, estar

na rua é estar sujeito às regras da sobrevivência, “desprotegido” em relação ao ficar em “casa” ou num “escritório”. Assim, nesse ambiente da rua onde tudo acontece e pode acontecer, ocorrem os encontros, as conversas, as ideias e a definição dos personagens do La Ursa. A rua também é o lugar onde se procura e se encontram os materiais que comporão as fantasias e instrumentos musicais do folguedo, onde se decide à hierarquia de poder no grupo, bem como o lugar que algum La ursa guarda e escondem seus acessórios. Até bueiros podem ser usados para guardar as fantasias, como foi constatado com um grupo de crianças no Bairro do Rangel, em João Pessoa/PB.



Fonte: Arquivo pessoal- La ursa e bueiro de esgoto Bairro Rangel 2013

É importante frisar o papel social que o folguedo La Ursa desempenha culturalmente ao potencializar a realização de atividades no campo da aprendizagem informal na produção de visualidades para todo tipo de público. Como um entretenimento, este folguedo pode ser visto como uma forma de promover a inclusão temporária entre diferentes classes sociais na valorização e difusão dos costumes e tradições carnavalescas da cultura local.

A notoriedade das visualidades do folguedo La Ursa, pode ser explicitada tanto na produção de sentido de suas performances e coreografias, como também na construção dos artefatos estéticos e musicais que compõem a folgança.

Também podemos observar o folguedo La ursa como uma manifestação cultural transgressora das normas sociais, haja vista que, em sua maioria, os seus integrantes não fazem uso de local específico para realizar a brincadeira, adaptando sua atuação para qualquer lugar e a qualquer hora. Além disso, muitas crianças e adolescentes que brincam o La ursa saem as ruas sem autorização dos pais, saem “escondidos”, utilizando vias públicas de grande tráfego de veículos e semáforo para se apresentarem. Algumas das falas do folguedo impetradas na brincadeira com o

espectador instigam-no a assumir posicionamentos na folgança, que pode ser o de colaborar com alguns trocados ou por algum "dinheiro". Quando os espectadores colaboram passam a ser considerados "gente boa". Podem ser chamados de pirangueiro por não colaborar com o urso. Essa interação social provocativa, feita com sagacidade e maestria, demonstra uma das formas de irreverência social e malandragem deste folguedo para interagir com seu público.



Fonte: Arquivo pessoal/ La Ursa Rangel- 2013 Fonte: Arquivo pessoal/ La Ursa Rangel- 2013

A estas peculiaridades performáticas do folguedo, chamamos, neste trabalho, de peripécias transgressoras. Refirimo-nos a um conjunto de visualidades e performances irreverentes nas ações tradicionalmente impelidas do desejo de transgredir às normas sociais com a intenção de gerar susto, prazer, alguns dividendos financeiros, zombar e usufruir da rua como recurso didático informal e temporário de sobrevivência.

Em João Pessoa, capital da Paraíba, existe um considerável número de grupos de La Ursas e que vêm se multiplicando todos os anos. Uma das razões que vem contribuindo para esse aumento foi a organização de vários desses grupos para criar a Federação de La Ursas. A participação como uma categoria do concurso do carnaval tradição da cidade trouxe um reconhecimento e um estímulo à permanência e ao surgimento de novos grupos para brincar o folguedo.

O carnaval tradição é um evento carnavalesco importante do calendário oficial da capital. Organizado pela Federação Paraibana de Carnaval, empresários e representantes de poderes públicos e ONGs patrocinam os festejos de Momo oficial, composto por desfiles de blocos de frevo e tribos indígenas, La Ursas e escolas de samba. Esses desfiles fazem parte de um concurso carnavalesco, que acontece todos os anos, nesta cidade, na Avenida Duarte da Silveira, a partir das 17hs.

Amplamente difundido pelos meios de comunicação pessoense, as datas, horários, inscrições, categorias e o valor das premiações dos vencedores são disputados acirradamente, a partir de critérios como: desempenho na avenida, criatividade, plasticidade, coreografia, ritmo, tempo de duração, integração com a plateia, arranjos e fantasias, entre outros.

Neste ritual de “celebração carnavalesca oficializada”, percebemos uma demarcação de território entre os grupos que desfilam, a plateia e os jurados. Cada setor ocupa lugares de destaque, mas em situações opostas e dentro de uma “ordem social” pré-estabelecida pelos palanques, arquibancadas e “passarela ou avenida”, deixando bem evidente a relação de hierarquia entre todos os presentes. Dessa forma, o carnaval tradição se caracteriza como um espetáculo que restringe a participação do espectador, devendo, apenas, observar, aplaudir, torcer ou documentar o espetáculo. Uma cerca e as arquibancadas reforçam a separação e o papel de todos os personagens durante este evento.

O folguedo La Ursa, ao passar às categorias dos concorrentes do carnaval tradição, conta com uma ajuda de custo financeira do poder público. Essa “ajuda” serve para que os grupos participantes da festa, custeiem as despesas com a produção do folguedo. O recurso financeiro colabora para que as visualidades dos grupos de La Ursas passem a assumir um caráter competitivo na avenida. Em razão disso, muitos grupos passaram a constituir equipes formais que se profissionalizam para trabalhar na produção do folguedo. Isso tem influenciado na produção imagética do folguedo La Ursa, que busca, a cada ano, produzir novos referenciais estéticos, sonoros e performáticos para apresentar ao público e aos jurados.

Os La Ursa vão para a avenida e exploram, progressivamente, as visualidades em adereços, cores, coreografias e palavras de ordem e temas sociais. Chegam também a incluir outros personagens e até estandartes na construção e desenvolvimento do folguedo.

A inclusão de novos elementos estéticos e sonoros no corpo desse folguedo produz um hibridismo visual e cultural. Neste sentido, o folguedo pode ser visto, não só como entretenimento, mas também como uma forma de resistência da capacidade humana de pessoas que vivem processos de exclusão, de se manterem

vivos e serem inseridos em contextos sociais oficiais de eventos para grandes massas.



Fonte: Arquivo pessoal- La ursa Carnaval tradição 2013/ João Pessoa-PB

O impacto visual apresentado no La Ursa, a partir da implantação de mais elementos estéticos em sua composição, como estandarte, burrinhas - alegorias que tem a forma de um “burro”, construídas com pano, armação em arame e madeira, as quais uma pessoa desenvolve performances coreográficas. São muito utilizadas no folguedo do “bumba meu boi - pernas de pau, entre outras alegorias. Esse aparato visual traz mais visibilidade para o grupo, bem como certa confusão conceitual. Nesse caso, o folguedo amplia seu potencial na plasticidade, nas coreografias de seus integrantes e na vestimenta padronizada. Passa a transitar por alguns instantes na categoria de espetáculo de entretenimento, de um show business, adaptando sua “cua” a um contrato formal de prestação de serviço impresso.

No entanto, este novo formato na imagem do folguedo traz modificações nas maneiras de compor e conceber o La Ursa, haja vista que assume o caráter dócil, brincalhão, adestrado, subserviente, de bichinho carinhoso “fofo”, em detrimento de outras características culturais, também marcantes desse bailado. Modifica-se a irreverência apresentada na abordagem do público na rua e no semáforo, que demonstra maior liberdade de expressão do personagem em sua maneira, modo de provocar e interagir com o público. Também deixam de utilizar seus refrãos característicos: “La Ursa quer dinheiro, quem não der é piranguero” e “esse ai é

gente boa!”. Substituem o uso desse jogo de palavras por outras que mais adequadas ao novo contexto sócio econômico e político assumido na brincadeira.

De certa maneira, essa alteração em alguns aspectos formais do folgado faz parte de uma lógica de sobrevivência social. Isso ocorre porque...

“as praticas culturais populares como sobrevivência do passado no presente, pois independentemente de suas origens, mais remotas ou mais recentes, mais próximas ou mais distantes geograficamente, elas se reproduzem e atuam como parte de um processo histórico e social que lhes dá sentido no presente, que as transforma e faz com que ganhem novos significados. (AYALA.1987, p.52)

Estas visualidades, às quais nos referimos anteriormente, não podem ser generalizadas para todos grupos de La Ursa, que atuam espontaneamente na cidade de João Pessoa/PB. Referimo-nos aos grupos que fazem parte e vão concorrer no circuito oficial, como é o caso do carnaval “tradição”. Os demais grupos de La Ursa, principalmente os da periferia, em sua maioria, seguem utilizando a cuia e os refrãos nas ruas da cidade. Sua plasticidade é mais limitada, não fazendo uso de outros personagens, além do urso e da batucada, para compor as formas e as cores do visual de sua expressão estética.



Fonte: Arquivo pessoal- La ursa -Bairro do Rangel- João Pessoa-PB

No contexto dessa pesquisa, considero a ação cultural, que cada grupo do folgado La Ursa desempenha, como uma dimensão estética e imagética de profunda importância para as manifestações culturais da cidade de João Pessoa. Vejo-as como formas de resistência social que produzem suas próprias motivações

econômicas, políticas e sociais. Diferenciam-se um dos outros de acordo com seus interesses, formas de penetração e inserção no sistema capitalista.

Participar do folguedo La Ursa é uma oportunidade para o indivíduo mostrar sua identidade lúdica, imaginativa, irreverente e provocadora. A cada ano, essa força inventiva se revitaliza, gerando novas imagens e recombinações que reúnem o velho e o novo, a tradição e a contemporaneidade. Isto evidencia o processo de confecção no uso e na função da alegoria, das performances do folguedo, do jogo de palavras e de suas visualidades para produzir construções sociais, materiais e simbólicas.

Assim, no contexto da folgança, a figura do “Urso” assume diferentes papéis sociais, de acordo com a política e o discurso do grupo social no qual se inserem, podendo representar aspectos dócil, provocativo, arreadio, irreverente, brincalhão, pedinte, libidinoso e desprezível, entre outras. Essas características peculiares do folguedo funcionam como o motor que impulsiona a brincadeira, na qual a máscara, a vestimenta, a composição rítmica e performática, bem como seu discurso dialogam com peculiaridades referente às condições socioeconômicas de seus componentes.

Há grupos de La Ursa do bairro Rangel e de outras comunidades periféricas que constroem seus folguedos na cidade de João Pessoa/PB, utilizando recursos improvisados. a partir de roupas velhas, sacos de estopa ou nylon, cortados em tiras e presas por costuras umas às outras, ou a uma calça e a uma camisa usada e cheia de buracos. Com máscaras compradas em lojas ou produzidas a partir de papelão, papel marche ou sacos plásticos, nos quais são feitos furos ou buracos para os olhos, para a boca e para o nariz do personagem e um cordão utilizado como rédeas para segurar ou guiar o urso.

Os La Ursa fazem uso de uma variedade de recursos alternativos e materiais recicláveis para produzir sons em lata, baldes plásticos, pedaços de madeira, de ferro e de cano, entre outros materiais que emitam uma boa sonoridade. É possível dizer que compõem e exploram novos meios de inserção social e formas de resistência estéticas, musicais e econômicas. Fazem parte do discurso político que “servem de fundamento para uma proposta educativa voltada à ‘compreensão crítica

e performática da cultura visual'.[...]Uma perspectiva [...] em permanente construção". (HERNÁNDEZ, 2007. p. 79).

Deste modo, vejo o folguedo La Ursa como uma oportunidade de investigação, repleta de imagens, situações e episódios nos quais as brincadeiras, com as máscaras, a utilização dos artefatos sonoros, a irreverência e o entretenimento, ocupam lugar de destaque nos festejos carnavalescos da capital da Paraíba.

Nesta pesquisa, compartilhamos com o ponto de vista de Renato Ortiz de que ser diferente' não basta. É preciso mostrar que há identificação, visto que "não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos" (p.8, 1994).

Assim, algumas questões me levam a buscar respostas para um melhor entendimento sobre as formas de manutenção, sobrevivência e inserção social do folguedo La Ursa nas manifestações carnavalescas de João Pessoa. Estas perguntas também podem ser redigidas da seguinte maneira: o que leva essas pessoas, todos os anos, a fazerem e levarem às ruas, o folguedo La Ursa? Quais os motivos que os fazem se articular, planejar e desenvolver as visualidades do folguedo? Como veem a sociedade e como são vistos por ela? Que tipo de relação o folguedo La ursa mantém com o sistema social? Que relação de saber e diálogo o sistema educacional formal desempenha para o desenvolvimento do folguedo na contemporaneidade? Como utilizar tais interpretações como narrativa para estudos da cultura visual?

Estas questões se entrecruzam e, além de criarem inquietações, criam expectativas para se compreender a complexa teia de significados, que se constrói em torno dessa manifestação cultural e, mais especificamente, das visualidades do folguedo La Ursa e dos festejos de Momo, como multiplicidade interpretativa, simbolicamente significativa, que cria relações de saber e de poder.

Procedimentos para investigar o La Ursa

A presente pesquisa busca respostas para tais indagações a partir de um estudo de caso do tipo etnográfico, de abordagem qualitativa, com um grupo de

adolescentes que brinca essa folgança, no bairro do Rangel, em João Pessoa/PB. A pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – UFPB/UFPE. A pesquisa está sendo desenvolvida por Camilo de Figueiredo Aranha, sob a orientação do Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento.

Optou-se, ainda, por um estudo de caso porque se apresenta como um instrumento metodológico de grande utilidade, apresentando vantagens, como: o estímulo às novas descobertas, a ênfase na compreensão de uma unidade e a simplicidade dos procedimentos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, várias técnicas de coletas de dados são necessárias, especialmente as entrevistas, os registros fotográficos e as observações diretas durante a preparação e a atuação do folguedo em foco.

A abordagem qualitativa do tipo etnográfica enfatiza a investigação interpretativa e nos instiga a fazer uso do registro da visualidade, da entrevista, bem como da observação participante, tendo como determinante o estudo de caso.

O universo da pesquisa será constituído por um grupo de adolescentes, supostamente com idade entre 12 e 18 anos, moradores do bairro Rangel, da cidade de João Pessoa/PB, e de outro, que inclui adultos, que participa do concurso do “carnaval tradição”. A delimitação da faixa etária partiu inicialmente de observações sobre a grande incidência de adolescentes envolvidos na construção deste folguedo.

Em razão do exposto, entende-se a importância de investigar o folguedo La Ursa, sob a ótica da pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, haja vista que se trata de uma produção da cultura local, envolta em visualidades, plasticidades, dramaticidades em interação com o cotidiano. É um folguedo que colabora na construção e desconstrução social e pode ser analisada por diferentes perspectivas e campos de conhecimentos e estudos, como é o caso da cultura visual.

REFERÊNCIAS:

AYALA, Marcos e AYALA, Maria Inês Novais. **Cultura Popular no Brasil**. Ática, São Paulo, 2006.

BAKTHIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rebelais. 5ª ed. Hucitec, São Paulo, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MATTA, Roberto da. **Carnaval, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Camilo de Figueiredo Aranha

Aluno do Mestrado no Programa de Pós-graduação das Universidades Federais de Pernambuco e Paraíba- PPGAV-UFPE/ UFPB. Especialista em Arte e Educação Física na Infância pela UFRN, graduado em Educação Artística (Artes plásticas) pela UFPB, professor de Artes da Secretaria de Educação Municipal da cidade do Natal- RN.

Erinaldo Alves do Nascimento

Doutor em Artes (ECA-USP), mestre em Biblioteconomia (UFPB) e graduado em Educação Artística (UFRN). Professor do Departamento de Artes Visuais (UFPB) e do Mestrado em Artes Visuais (UFPB/UFPE). Coordena o Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais e integra o grupo de Pesquisa em Educação e Visualidade (FAV/UFG). Autor do livro “Ensino do desenho: do artífice/artista ao desenhista auto-expressivo”.